

INTERAÇÃO, LINGUAGEM E IRONIA NA “CENSURA” DA CAPA DA HQ “CASTANHA DO PARÁ”, NA AMAZÔNIA

José Carlos Almeida da Rosa¹
Anderson Geraldo de Souza Oliveira²
Ângela Márcia Bazzoni Reyer³

RESUMO

Neste ensaio discutimos a polêmica causada a partir da retirada de uma imagem da novela gráfica “Castanha do Pará”, do artista Moura Junior Gidalti, de uma exposição em um *shopping* de Belém (PA). A obra estampa a capa da coletânea lançada em 2016, vencedora do Prêmio Jabuti, na categoria História em Quadrinhos. A retirada, realizada a pedido da Polícia Militar do Pará, foi considerada censura, principalmente por vários internautas que expressaram sua opinião nas redes sociais, em especial Facebook e Twitter. Tais conteúdos, possíveis de serem analisados pela netnografia, método aqui utilizado, chamam atenção pela utilização da Ironia, estratégia linguística que ajudou a propagar mais ainda a imagem censurada e renovar seu sentido.

Palavras-chave: Censura; Redes Sociais; Netnografia; Ironia

INTERACTION, LANGUAGE AND IRONY IN THE “CENSURE” OF THE COVER OF HQ “CASTANHA DO PARÁ”, IN THE AMAZON

ABSTRACT

In this essay we discuss the controversy caused by the removal of an image, just that of the cover, of the graphic novel "Castanha do Pará", by Gidalti Jr., launched in 2016, winner of the Jabuti Prize, in the category Comics, in a shopping mall in Belém. The withdrawal, carried out at the request of the Military Police, was considered censorship, mainly by several Internet users who expressed their opinion on social networks, especially Facebook and Twitter. Such content, which can be analyzed by netnography, method used here, call attention to the use of Irony, a linguistic strategy that helped spread the censored image further and renew its meaning.

Palavras-chave: Censorship; Social networks; Netnography; Irony

¹ Graduado em Publicidade e Propaganda; Pesquisador da Faculdade Estácio FAP, participa da Linha de Pesquisa “Comunicação, Cibercultura e Antropologia”, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Estácio do Pará. E-mail: zekrlos.almeida@gmail.com.

² Jornalista, professor na Faculdade Estácio do Pará, mestre em Ciências Sociais (Antropologia) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPa). Coordenador da Linha de Pesquisa “Comunicação, Cibercultura e Antropologia” (<http://blogdoentredes.wordpress.com>), no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Estácio do Pará. E-mail: anderson.oliveira1@gmail.com.

³ Jornalista e mestrandia do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPa). Membro do Grupo de Pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense – NARRAMAZÔNIA. E-mail: bazzoniangela@gmail.com.

Antes do texto, o contexto: considerações iniciais

No dia 16 de abril de 2018, a obra “Castanha do Pará”, do publicitário, pintor e desenhista brasileiro Gidalti Moura Junior⁴, foi retirada de uma exposição sobre HQs que ocorria em um *shopping* localizado em Belém, no Pará.

O quadro faz parte da novela gráfica “Castanha do Pará”, lançada em 2016, que retrata a vida na periferia da capital paraense. A obra foi indicada ao troféu HQmix (considerado o “Oscar” dos quadrinhos no Brasil), na categoria melhor publicação independente, e primeira obra a vencer o prestigiado Prêmio Jabuti⁵, na categoria História em Quadrinhos.

Baseada no conto “Adolescendo Solar”, do professor Luizan Pinheiro, da Universidade Federal do Pará (UFPA), a HQ é narrada em forma de fábula e o cenário é a feira do Ver-o-Peso, considerada a maior da América Latina, onde o personagem “Menino-Urubu” vive de furtos e da ajuda de outras pessoas que trabalham ou passam por lá.

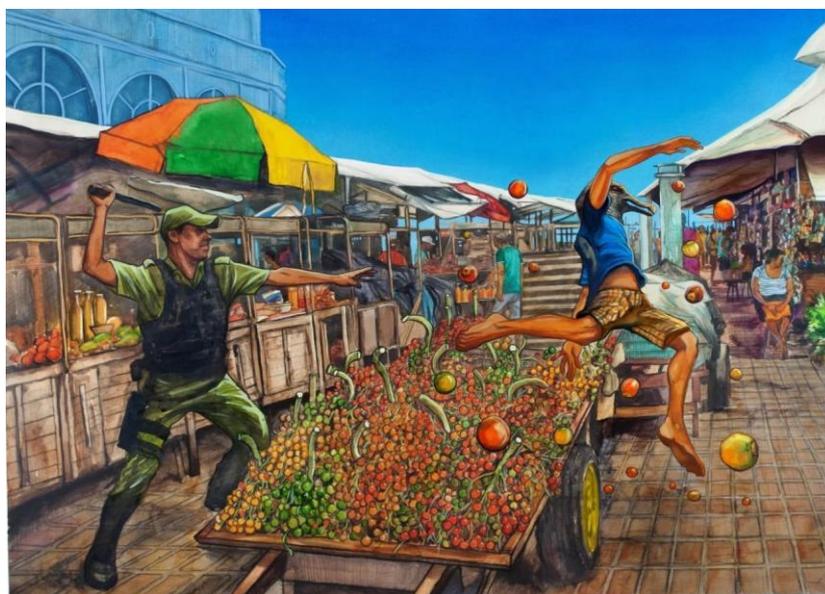


Imagem 01. Capa de “Castanha do Pará”, de Gidalti Moura Jr. **Fonte:** Reprodução do Facebook do artista

⁴ Nascido em Belo Horizonte (MG), mas criado em Belém do Pará. É publicitário, possui graduação e mestrado em Artes e também é pós-graduado em História da Arte.

⁵ 59º Prêmio Jabuti - Apuração de Votos (Vencedores histórias em quadrinhos). Disponível em <<http://premiojabuti.com.br/apuracao/f2-dt311017-1507/#1>>. Acesso em 17 de abril de 2018.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Após tomarem conhecimento da exposição, um grupo de oficiais da Polícia Militar do Pará foi até a direção do *shopping* pedir a retirada da obra, por considerar que caracterizava apologia ao crime e por considerá-la agressiva e negativa para a imagem da corporação. Sem acionar o artista, a administração do empreendimento concordou em removê-la, o que gerou uma rápida repercussão em vários portais de notícias no Brasil⁶, além de gerar, em redes sociais como *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*, uma onda de críticas, debates sobre censura e importância da obra. Neste sentido, merece atenção o processo desencadeado no *Twitter*, em que as pessoas ressignificaram o acontecimento de modo irônico, divulgando a notícia de forma bem humorada, porém sem diminuir a relevância do fato. Já no *Facebook*, o acontecimento foi “tratado” de forma mais séria, através de longos textos que expunham o ocorrido.

Também nas redes sociais, militares – indignados e sentindo-se insultados – replicavam mensagens de repúdio à ilustração. A partir disso, a exposição e o artista se tornaram o centro de uma “batalha” na *web*, suscitando o posicionamento de defensores e pessoas contrárias a tal manifestação.

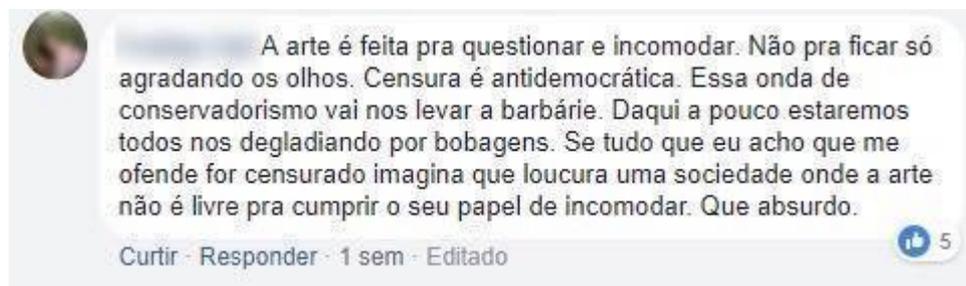


Imagem 02: Comentário a favor da obra. **Fonte:** Captura de tela

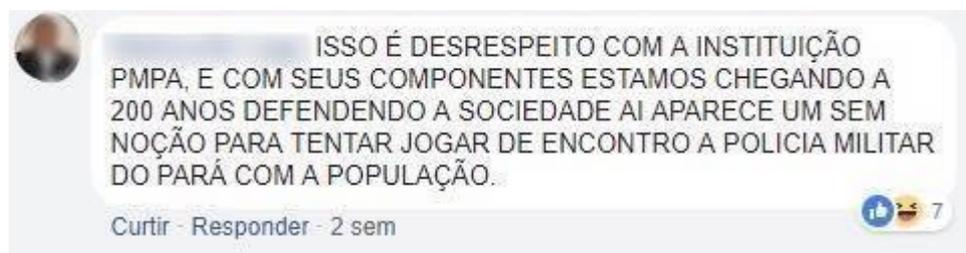


Imagem 03. Comentário contra a ilustração. **Fonte:** Captura de tela

⁶ Ver mais nas matérias “Capa de ganhador do Jabuti é removida de exposição em Belém: ‘censura’, diz o autor”, disponível no portal do jornal O Globo: <<https://glo.bo/2H87UpX>>; acesso em 17 de abril de 2018. “Após protestos, HQ ganhadora do Jabuti é retirada de exposição em Belém”, publicada no site da Folha de São Paulo: <<https://bit.ly/2EWIPrs>>; acesso em 17 de abril de 2018. E em “Obra vencedora do Jabuti é censurada por ‘crítica à PM’”, divulgada no Portal R7: <<https://bit.ly/2vop1hb>>; acesso em 17 de abril de 2018.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Surpreso diante do ocorrido, Gidalti usou seu perfil no Instagram para repudiar o que ele chamou de “conceitos arbitrários que classificaram a imagem como uma ofensa à Polícia Militar”. Tratando o caso como censura, o artista ainda reiterou que por se tratar de uma obra de caráter lúdico e ficcional, “quem a compreendeu como apologia ao crime e/ou a desmoralização da Polícia Militar, o faz de forma leviana e sem ao menos ler o livro ‘Castanha do Pará’”. Até o dia 30 de abril de 2018, o *post* teve mais de 877 compartilhamentos no Facebook, provocando também inúmeros comentários e posicionamentos.

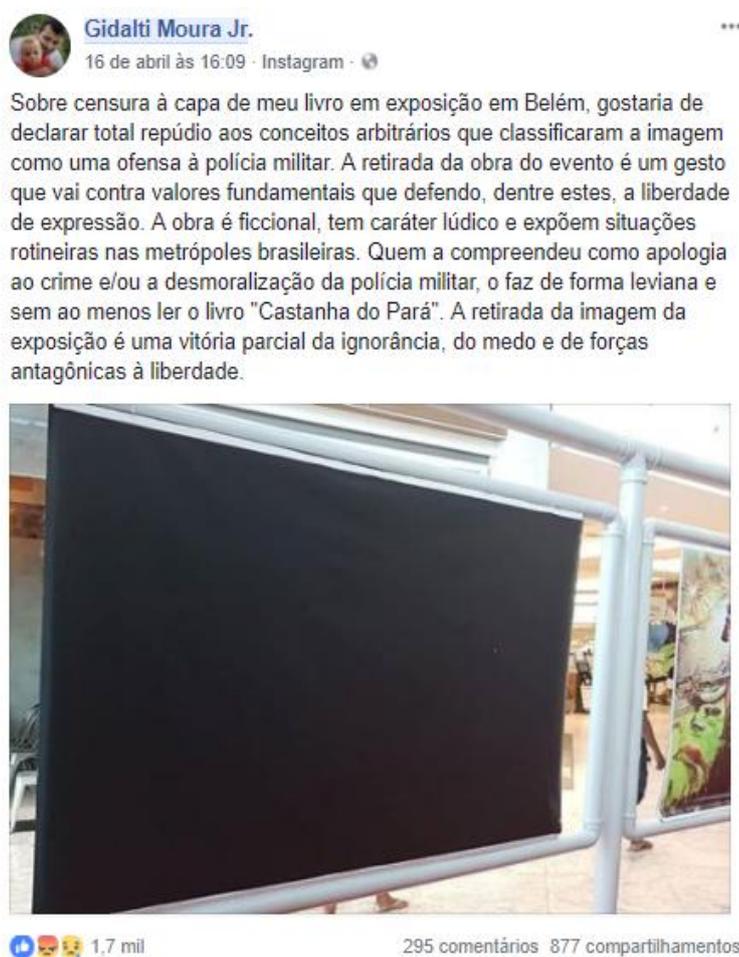


Imagem 04. Publicação compartilhada pelo artista no Facebook. **Fonte:** Captura de tela

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA



Imagem 05. Publicação feita pelo artista no Instagram. **Fonte:** captura de tela

Diante da repercussão do acontecimento na *web*, o *shopping*, por meio de uma nota de esclarecimento em sua página no *Facebook*⁷, relatou que apenas cedeu o espaço para a realização da exposição e diz ser uma organização incentivadora da arte de curadores e artistas paraenses. Por sua vez, no mesmo comunicado, a coordenação da exposição de quadrinhos, diz que a obra foi retirada após comum acordo da curadoria do evento, que ressaltou que a ilustração acabou gerando um incômodo por seu caráter violento, em parte dos frequentadores do shopping. Já a Polícia Militar do Pará, conforme notícia veiculada pelo Portal G1 Pará⁸, informou por meio de nota à administração do shopping, a sua insatisfação em relação à obra do artista.

Indo além, é interessante observarmos que o que era para ser um caso abafado e isolado por conta de uma atitude tomada por parte de um grupo que se sentiu ofendido com uma imagem acabou ganhando um outro significado dentro das redes, principalmente no *Twitter*. Foi justamente nesta plataforma que os usuários faziam questão de compartilhar a imagem censurada e onde notamos o surgimento de uma alternativa de linguagem recorrente, mas que por vezes é deixada de lado em análises de conteúdo: a ironia.

Utilizando o “alerta” de que a imagem não poderia ser compartilhada, os usuários fizeram exatamente o “caminho inverso” – ou seu prolongamento –, compartilhando-se e estimulando tal compartilhamento, curiosa cadeia de produção e

⁷ Publicação feita na página do shopping, disponível em <<https://bit.ly/2KzF5Ef>>. Acesso em 30 de abril de 2018.

⁸ Ver mais na matéria “Ilustração do artista Gidalti é removida de exposição em Belém e ele classifica como ‘censura’”, publicada no portal G1 Pará: <<https://glo.bo/2virgCE>>. Acesso em 17 de abril de 2018.

renovação de sentidos que discutimos aqui neste ensaio, forma acadêmica que consideramos, seguindo Clifford Geertz, a que mais se ajusta à "qualidade experimental" do empreendimento aqui proposto (2008, p. 13), como veremos a seguir.

Caminhos da observação: a Netnografia como metodologia

Unindo Comunicação e Antropologia para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa foi realizada uma análise netnográfica, que tem por objetivo estudar assuntos relacionados a internet e suas singularidades, como observar e compreender os comportamentos e as relações dos atores sociais dentro da rede. Com o advento da chamada *Web 2.0*, esses relacionamentos se intensificaram ainda mais, necessitando, dessa forma, que fossem realizados estudos analisando esse meio de contato entre os indivíduos, que ultrapassa barreiras geográficas.

O método netnográfico surge a partir da Etnografia, oriundo da Antropologia, que acompanha e reúne informações por meio de descrições incoerentes, omissas e estranhas referentes a uma determinada população e sua conduta passageira, o propósito é construir uma análise da cultura, hábitos e as relações, de um determinado grupo social. Para Clifford Geertz, a Etnografia precisa de uma “descrição densa”; por isto:

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2008, p.7).

Assim como um estudo etnográfico feito em uma sociedade precisa lidar com incoerências, situações suspeitas e estranhas, na internet isso não é diferente, muito pelo contrário, o trabalho é ainda mais complicado. Analisar as comunidades virtuais é algo bastante complexo, uma vez que o pesquisador não está inserido no lugar antropológico, e precisa analisar apenas de longe de que forma as relações são feitas dentro da rede. Com isso, o etnógrafo precisa lidar com situações que envolvem perfis falsos, o que acaba dificultando o estudo da pesquisa, visto que os usuários se escondem por trás de uma conta na qual não é divulgada a sua identidade real.

Indo além de tais problemáticas – fundamentais, é verdade, mas que por questões adstritas ao formato desta publicação não podem ser ampliadas –, devemos observar que o ciberespaço é um contexto que envolve diferentes tipos de culturas,

crenças e ideologias, e com isso é necessário que o pesquisador tenha uma maior cautela para conseguir estudar e compreender algumas atitudes dos usuários dentro da rede, uma vez que as circunstâncias em que esse indivíduo vive, influencia e pode responder bastante questões durante a análise dos dados. É por ele, por exemplo, que notamos a criação de determinada “arena” de disputa de conteúdos e expressões como, no caso deste trabalho, entre os defensores e as pessoas contrárias a veiculação do quadro de “Castanha do Pará”.

A repercussão de tal caso, inclusive, não é aleatória. Em um panorama mais “global”, os conteúdos são cada vez mais diversos e possuem grande possibilidade para se espriar além de fronteiras geográficas. Marc Augé, por exemplo, adota o termo “Não Lugar” que está ligado ao excesso, a efemeridade, a falta de identidade, do não pertencimento do indivíduo a um lugar, ao individualismo, tais características fazem parte da sociedade pós-moderna e da forma com que o indivíduo se comporta e tem se relacionado dentro da internet. O autor nos diz que:

os não-lugares não se definem como identitários, relacionais ou históricos. Através dos não-lugares se descortina um mundo provisório e efêmero, comprometido com o transitório e com a solidão. Os não-lugares são a medida de uma época que se caracteriza pelo excesso factual, superabundância espacial e individualização das referências, muito embora os lugares e não-lugares sejam polaridades fugidias. (AUGÉ, 1994, p. 271)

O excesso e a efemeridade são características da internet. Um exemplo disso são assuntos como o estudado por esta pesquisa que ganham uma visibilidade muito rápida e excessiva, uma vez que as notícias acabam sendo disseminadas de uma forma ligeira dentro da rede, gerando debates e diversos compartilhamentos nos perfis sociais e, logo que algo novo é noticiado, o outro acontecimento já se torna passado e “cai” no esquecimento da maior parte dos usuários.

Levando isto em conta, para este trabalho foram analisadas ao todo 112 postagens, sendo comentários e compartilhamentos feitos no Twitter e no Facebook, plataformas que tiveram uma maior interação quando o caso aconteceu. Estes *posts* foram coletados e estudados no período de 17 a 20 de abril de 2018, não havendo uma delimitação específica da localidade das pessoas que estavam compartilhando as mensagens, uma vez que o caso ganhou uma rápida notoriedade na internet, se espalhando de forma rápida no ciberespaço.

A viralização do caso dentro das redes acabou chamando a atenção para o desenvolvimento desta pesquisa. Entre tantos comentários feitos sobre a censura do quadro, por conta de espaço, foram escolhidas apenas algumas postagens que tiveram um número relevante de compartilhamentos e reações dos outros atores sociais.

Assim, sabendo que os comentários “indicam uma gama variada de posicionamentos, mas principalmente norteiam de onde parte o olhar do pesquisador e sua identidade teórica” (AMARAL; NATAL; VIANA. 2008, p. 37), discutimos tais interações observando que o caso ganhou maior visibilidade nas redes sociais, em que, muitas vezes utilizando uma linguagem irônica, os usuários aumentaram ainda mais o *buzz*⁹ acerca do acontecimento, como veremos a seguir.

Arte, (ciber)cultura e censura no período contemporâneo

Sabe-se que de forma genérica a cultura é a expressão de autenticidade de um povo, de seus valores e modos de ser, ver e compreender o mundo. Ela é criada exatamente a partir da relação entre os sujeitos, que criam e recriam “teias de significados”, algo discutido desde a virada do século XIX e início do XX por Max Weber, categoria depois retomada e aprofundada pelo antropólogo Clifford Geertz.

Tais considerações preliminares, que cremos necessárias, servem como ponto de partida para uma compreensão cultural bem mais ampla e que prevê seu conceito, segundo Antropologia Semiótica ou Interpretativa, compreendida como:

Sistemas de signos interpretáveis (o que eu chamaria de símbolos, ignorando as utilizações provinciais), e não um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 2008, p. 10)

Tal contexto repleto de “acontecimentos sociais” depende de alguns fatores para sua manutenção e “prolongamento”. Milton Santos (2000), por exemplo, defende que o conceito de cultura está intimamente ligado às expressões da autenticidade, da integridade e da liberdade.

Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro

⁹ Palavra inglesa que significa burburinho, muito utilizada no Marketing.

desejado. Por isso mesmo, tem de ser genuína, isto é, resultar das relações profundas dos homens com o seu meio, sendo por isso o grande cimento que defende as sociedades locais, regionais nacionais contra as ameaças de deformação ou de dissolução de que podem ser vítimas. Deformar uma cultura é uma maneira de abrir a porta para o enraizamento de novas necessidades e a criação de novos gostos e hábitos (SANTOS, 2000).

Levando tais discussões em conta, sabemos que a censura da imagem publicada em “Castanha do Pará” infelizmente está longe de ser um caso isolado. Compreendendo censura como um ato que prevê, de forma coerciva, a interrupção ou proibição de veiculação ou divulgação de algo, sabemos que recentemente têm ocorrido, com maior frequência, casos de obras de arte censuradas no Brasil. Basta lembrar da exposição “Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira”¹⁰; a obra “Pietà” da artista Cibele Vieira¹¹ e, no final do ano passado, um presépio com um casal gay e uma prostituta¹² feito pelo artista Luciano Almeida, também foi retirado de uma exposição no Rio de Janeiro (RJ).

Ao contrário de épocas passadas, em que a expressão de “revolta” contra estas determinações eram mais restritas, as mudanças tecnológicas permitem que mais pessoas se posicionem sobre os casos. Isto é possibilitado pela Web 2.0, segunda geração de serviços online que potencializa as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo (PRIMO, 2007, p.01). É ainda Alex Primo que, observando que a Web 2.0, tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e de circulação de informações (2007, p. 01).

Nesta miríade de sentidos e afetos, as expressões artísticas por vezes possuem papel fundamental. Com “função” muitas vezes de contestação, a liberdade artística é capaz de provocar reflexão, inquietação e colocar em questão tudo que está consolidado, tendo o potencial de expor relações de opressão e dominação naturalizadas. Por vezes

¹⁰ Ver mais em “Após protestos, Santander fecha exposição sobre diversidade”, disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/apos-protesto-do-mbl-santander-fecha-exposicao-sobre-diversidade/>>. Acesso em 12 de abril de 2018.

¹¹ Ver mais em “Obra da artista Cibele Vieira é censurada e retirada de exposição pelo próprio curador”, disponível em: <<https://rsurgente.wordpress.com/2017/10/26/obra-da-artista-cibele-vieira-e-censurada-e-retirada-de-exposicao-pelo-proprio-curador/>>. Acesso em 12 de abril de 2018.

¹² Ver mais em “Presépio com casal gay e prostituta é retirado de exposição no Rio”, disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/ideias/presepio-com-casal-gay-e-prostituta-e-retirado-de-exposicao-no-rio-8x0n8g7up3epyp4zjt2tqz8a9>>. Acesso em 12 de abril de 2018.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

ignorada, a liberdade artística possui importância tão grande que é assegurada pela Constituição Federal de 1988, no artigo 5º, inciso IX, que afirma ser “livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença”¹³. Juridicamente, portanto, a retirada da obra da exposição foi um ato ilegal, principalmente no período contemporâneo, que instiga e possibilita inúmeras expressões artísticas.

No caso da obra de Gidalti, a sua retirada não passou despercebida e ganhou significado diferente do que os “censores” pretendiam. Em vez de ser “abafada”, a obra foi exposta e compartilhada nas redes sociais, ganhando apoio e ainda mais notoriedade, até mesmo porque os internautas entenderam, em sua maioria, que a obra expõe uma realidade que ocorre frequentemente no Ver-o-Peso, considerada a maior feira livre da América Latina e principal cartão postal da capital paraense. Notou-se então, em um primeiro momento, forte tom de revolta diante da ação:



Imagens 06, 07 e 08. Publicações sobre o caso no Facebook. **Fonte:** captura de tela

¹³ Ver mais em “Art. 5, inc. IX da Constituição Federal de 1988. Disponível em: <<https://bit.ly/2u7sHA7>>. Acesso em: 25 de abril de 2018.

Isso mostra que o ciberespaço e as redes sociais também podem funcionar como mecanismos de mobilização, conexão e interação com um fim mais político e social. Também servem de meio de expressão e formação de opiniões públicas em um palco de debates e da liberdade de opinião, sem fonte finita. Sobre isto, Manuel Castells já havia afirmado que:

É precisamente devido a sua diversificação, multimodalidade e versatilidade que o novo sistema de comunicação é capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais (CASTELLS, 1999, p.461).

Assim, além das redes sociais serem um espaço aberto e de grande visibilidade que podem contribuir para melhor divulgação de obras artes, elas também possibilitam que os internautas expressem suas opiniões e posicionamentos, que podem ocorrer também com estratégias de linguagem, como a ironia.

A ironia como “solução”: netnografando as respostas na Web

Após a divulgação do caso aqui analisado, não foi difícil notar os posicionamentos das pessoas sobre a polêmica pela web. Dentre eles, como já dissemos, ganharam relevo os que criticaram a retirada da obra de tal exposição. A crítica “por si só”, no entanto, não parou por aí.

De forma recorrente, notamos grande quantidade de publicações que questionam o posicionamento e reproduzem a imagem, utilizando muitas vezes uma “ordem” para que não se faça aquilo, como podemos ver nas publicações a seguir:

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

 · 16/04/18
O desenho do Gidalti Jr (vencedor do prêmio Jabuti) que foi censurado numa exposição em Belém, pois consideraram uma ofensa à polícia militar é esse aqui: ATENÇÃO: não espalhem, pois é ofensivo:



126 10,8K 14,3K

 16/04/18
Esta é a capa da HQ "Castanha do Pará", de Gidalti Moura Jr, retirada de uma exposição no Parque Shopping Belém. É favor não compartilhar porque ofende a PM. Divulguem.



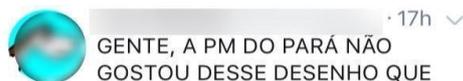
6 520 627

Imagens 09 e 10. Publicações de usuários no Twitter divulgando a obra de forma irônica.
Fonte: Captura de tela

Tal posicionamento, que nem é tão complexo assim, é verdade, apontam para o uso da ironia como estratégia de linguagem e nos lembra que “as categorias riso, ironia e paródia atuam na suspensão da censura, contrariando, muitas vezes, uma ideologia que se diz séria e ocasionando, pois, discursos polifônicos e conflitantes” (ALAVARCE, 2009, p. 15), o que é facilmente observável nos comentários encontrados durante nossa análise netnográfica.

Aqui compreendemos a ironia como uma estratégia linguística que ocorre quando “há uma inversão semântica e, nesse caso, a ironia constitui em dizer uma coisa para significar outra” (ALAVARCE, 2009, p. 26). Para D. C. Muecke “como uma forma de elogiar a fim de censurar e censurar a fim de elogiar” (1995, p.33), algo facilmente observável aqui:

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA



· 17h
GENTE, A PM DO PARÁ NÃO GOSTOU DESSE DESENHO QUE ESTAVA EM EXPOSIÇÃO NUM SHOPPING E PEDIU PRA SER RETIRADO.

TO COMPARTILHANDO PRA VOCÊS SABEREM QUAL É O DESENHO E NÃO COMPARTILHAREM.

POR FAVOR, NÃO COMPARTILHEM



13 644 615



· 16/04/18
A autoridades informam que não gostaram dessa capa do "Castanha do Pará" do artista **Gidalti Moura Jr**

Por favor, compartilhem para ajudar as autoridades a informar que NÃO SE DEVE COMPARTILHAR ESSA IMAGEM



2 1

Imagens 11 e 12. Publicações de usuários no Twitter divulgando a obra de forma irônica.
Fonte: Captura de tela

Destarte, mais que observar a categoria ironia de forma “pura” e “em si”, devemos ainda observar o papel fundamental do protagonismo dos sujeitos em sua criação e reverberação, em especial na *Web*. Ora, sabemos que são os indivíduos que constroem os discursos irônicos, afinal:

Nada pode ser considerado irônico se não for proposto e visto como tal; não há ironia sem ironista, sendo este aquele que percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos, cujo propósito somente se completa no efeito correspondente, isto é, numa recepção que perceba a duplicidade de sentido e a inversão ou a diferença existente entre a mensagem enviada e a pretendida (DUARTE, 1994, p.55).

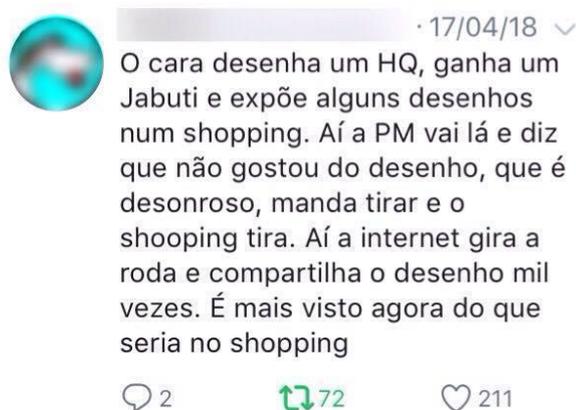
Ao apontar para a atuação dos sujeitos na construção e renovação do sentido, podemos nos aproximar das discussões acerca da inteligência coletiva, conceito este que é um dos princípios da cibercultura, embora não surja no ciberespaço, mas sim seja potencializado através dele. O “mundo virtual” se torna um lugar adequado para o fortalecimento deste processo cooperativo, já que acumula-se o conhecimento, havendo com isso um desenvolvimento cada vez maior do saber¹⁴.

¹⁴ Apesar do caráter “ideal” de tal discussão, Pierre Lévy cita que o fluxo de informações pela *Web* possibilita “formas novas” (isto é, “novas práticas”) nas redes digitais. Uma delas é a “bobagem coletiva” (1999, p. 30), marcada por “rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, 'televisão interativa'”. Tal prática, facilmente observável atualmente

Tal processo também é algo competitivo, uma vez que dá a liberdade de construção de novos saberes a partir de outras vertentes. A inteligência coletiva possui características de ser socializante e participativa. É ainda Pierre Lévy que destaca que:

Quanto mais os processos de inteligência coletiva se desenvolvem - o que pressupõe, obviamente, o questionamento de diversos poderes -, melhor é a apropriação, por indivíduos e por grupos, das alterações técnicas, e menores são os efeitos de exclusão ou de destruição humana resultantes da aceleração do movimento tecno-social. O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva (1999, p. 29).

Desta forma, a notícia sobre o caso, primeiramente veiculada de forma espontânea pelas redes sociais e não em veículos midiáticos, terminou provocando grande interação e participação, em especial pelos usuários da rede, que replicaram a notícia e tornaram o caso paraense em uma discussão nacional, ao menos na *Web*.



Imagens 13. Tweet que “resume” a polêmica. **Fonte:** Captura de tela

A ironia surge então em tais publicações em um processo de negação, mas, ao mesmo tempo, de fortalecimento da ideia que é “sonogada” pelos usuários; uma vez que

existe uma aparência que é mostrada e uma realidade que é sonogada, mas na ironia o significado real deve ser inferido ou do que diz o ironista ou do contexto em que o diz; é “sonogado” apenas no fraco sentido de que ele não está explícito ou não pretende ser imediatamente apreensível. Se entre o público de um ironista existem aqueles que não se dispõem a entender, então o que temos em relação a eles é um embuste ou um equívoco, não uma ironia [...] (MUECKE, 1995, p.54)

com o compartilhamento de conteúdos unicamente humorísticos e/ou de entretenimento, seria considerada então bem menos “engajada” e mais repetitiva.

De uma só feita, podemos compreender que isto somente é possível pela utilização de alternativas estéticas: por um lado, da imagem – polissêmica, como todo tipo de produção artística – de Gidalti, já “eternizada” por ter sido publicada e premiada; de outro, pela renovação de sentido criada pelos internautas ao ironizarem o pedido da PM e a decisão da direção do *shopping*. Em um posicionamento social, mas também político por parte dos sujeitos, a estética ganha relevo. Assim como Jan Mukarovsky, nesta análise nós também

No suponemos la consciencia colectiva como una designación global de un conjunto de componentes comunes a los distintos sistemas de fenómenos culturales, como el idioma, la religión, la ciencia, la política etc. Estos sistemas son hechos reales, aunque no sean directamente perceptibles por los sentidos: su existencia se demuestra com el hecho de que, respecto a la realidad empírica, manifiestan una fuerza normativa: así, por ejemplo una desviación del sistema lingüístico, mantenida por la consciencia colectiva, se siente y valora espontáneamente como um error. También la esfera de lo estético se manifiesta en la consciencia colectiva ante todo como um sistema de normas¹⁵ (MUKAROVSKI, 1977, p.57).

Destarte, talvez a utilização da ironia seja um dos fatores que tenha contribuído para o grande alcance da polêmica. O uso estético, então, aponta para um posicionamento mais amplo, não total, é claro, mas que parece ser melhor observado, já que tal utilização não provocou a diminuição da credibilidade e relevância da discussão. A proposta, assim, parece ter sido facilmente compreendida, o que, apesar de parecer simples, não é tão fácil assim, afinal para se perceber e entender “a ironia é importante que, o contexto/situação seja observado, caso contrário, o sentido pretendido pelo emissor não é alcançado pelo receptor” (ALAVARCE, 2009, p. 26).

Indo além, Camila Alavarce também esclarece que tal alternativa de linguagem não torna tal conteúdo veiculado algo “mentiroso”, mas sim cujo sentido é percebido e mesmo fortalecido ao ser compartilhado, afinal:

¹⁵ Em uma tradução livre “Não supomos a consciência coletiva como uma designação global de um conjunto de componentes comuns aos distintos sistemas de fenômenos culturais, como o idioma, a religião, a ciência, a política etc. Estes sistemas são fatos reais, ainda que sejam diretamente perceptíveis pelos sentidos: sua existência se demonstra com o fato de que, a respeito, da realidade empírica, manifestam uma força normativa: assim, por exemplo, um desvio do sistema linguístico, mantido pela consciência coletiva, se sente e caracteriza espontaneamente como um erro. Também a esfera do estético se manifesta na consciência coletiva também como um sistema de normas”.

o ironista pretende que o sentido seja apreendido pelo receptor da ironia, porém não imediatamente; almeja, ao contrário, que aquele a quem a ironia foi dirigida interprete as pistas que sugerem um discurso irônico, colaborando, por conseguinte, para a construção do sentido.

O mesmo não se verifica no discurso mentiroso, no qual, ainda que exista, como na ironia, a presença de um significante recobrando dois significados que se contrapõem, o enunciador tenta apagar de sua fala os índices dessa inversão ou ambiguidade, pretendendo que o enunciatário aceite como verdade o que não é, desqualificando-o, conseqüentemente (ALAVARCE, p. 29, 30).

Diante da ressignificação que a notícia acabou ganhando dentro do *Twitter*, uma vez que tal linguagem utilizada condiz com a rede social e a forma com que os usuários costumam lidar com os casos do dia a dia, a obra de arte e o acontecimento envolvendo a censura, tiveram ainda mais visibilidade dentro da rede, uma vez que foi desenvolvida por meio de uma ampla inteligência coletiva através dos compartilhamentos e *Tweets* das pessoas que fazem parte do site, como discutimos aqui.

Considerações finais

Diante da discussão aqui apresentada, através do diálogo entre Comunicação e Antropologia, analisamos as estratégias de linguagem, (re)significação e mesmo “renovação de sentido” criadas e divulgadas pelo ciberespaço através da polêmica envolvendo a obra “Castanha do Pará”, de Gidalti Moura Jr., em Belém.

Através de comentários feitos pelos usuários na rede, podemos notar que em seus compartilhamentos muitos usuários conseguiram fazer não somente com que a ilustração se tornasse mais conhecida, como também que sua proibição, quiçá censura, viesse à tona com mais força, contrariando o objetivo do grupo que pediu sua retirada. Como vimos, isto foi possível principalmente pela ironia, que possui uma função pragmática que é a de sinalizar uma avaliação, muito frequentemente de natureza pejorativa, como afirma Linda Hutcheon, 1985, p.73. É ainda a autora que afirma que isto pode gerar, no nível semântico, a multiplicação de elogios manifestos para esconder a censura escarnecedora latente (1985, p.73).

Assim, mais do que reunir comentários e publicações que apenas exemplifiquem modos de reagir diante da polêmica, é necessário compreender de que modo isto ocorre, em um processo de renovação de sentido e mesmo ressignificação no

ciberespaço a partir da obra censurada. Assim, ganha destaque a importância da função estética.

Para Paes Loureiro (2001, p. 87), citando Jan Mukarovsky, a função estética é um dos componentes da plurivalente relação da coletividade humana com o mundo. Mais que isso: influencia no processo formal de sua recepção fruidora social e individual. A consciência coletiva, no ponto de vista de Mukarovsky, parece como algo integrado à coletividade concreta que é sua portadora (PAES LOUREIRO, 2001, p. 87).

Por fim, buscamos aqui observar e discutir o quanto o ciberespaço permite que se acentuem polêmicas e que se reaja de modo criativo a questões densas e que vão além de somente reações, mas envolvem ainda escolhas linguísticas para se combater determinadas práticas que buscam silenciar expressões artísticas e sociais, como discutimos neste ensaio.

REFERÊNCIAS

- ALAVARCE, Camila da Silva. **A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Revista Famecos, n° 20. Porto Alegre, 2008.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo, Paz e Terra, 1999a.
- DUARTE, L. P. **Ironia, humor e fingimento literário**. Resultado de pesquisa – ironia e humor em literatura. Belo Horizonte, 1994.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. - 1 ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008, 323p.
- HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MUECKE, D. C. **A ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- MUKAROVSKI, Jan. **Escritos de estética y semiótica del arte**. Barcelona: Gustavo Gili, 1977

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, 2001.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. **Netnografia**: incursões metodológicas na cibercultura. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação E-Compós. Vol 4, Dezembro 2005.

SANTOS, Milton. **Da cultura à indústria cultural**. Folha de São Paulo – Caderno Mais, São Paulo, p. 18, mar. 2000.